



# Mães de vestibulandos: Sentimentos, percepções e expectativas perante o vestibular do filho

*Mothers of university applicants: feelings, perceptions and expectations on the college entrance exam of the child*

Danielle da Costa Souto<sup>[a]</sup>, Cristina Saling Kruehl<sup>[b]</sup>

## Resumo

O estudo objetivou investigar sentimentos, percepções e expectativas das mães diante do processo de seleção para o ingresso do filho no curso de graduação. Participaram do estudo cinco mães que estavam presentes nos dias de prova e cujos filhos estavam realizando o concurso de vestibular em uma universidade pública no interior do Rio Grande do Sul. Utilizou-se delineamento de pesquisa de cunho qualitativo. As mães foram entrevistadas no momento em que seus filhos estavam realizando as provas, por meio de uma entrevista semiestruturada, sendo indagadas sobre como se sentiam e quais eram suas percepções e expectativas naquela ocasião. A Análise de Conteúdo indicou que as mães participam intensamente dos dias de prova dos filhos e os principais sentimentos por elas expostos foram de ansiedade e nervosismo quanto à espera. Destacou-se a intensa preocupação das mães quanto ao seu papel durante os dias de prova. Conclui-se que a troca de sentimentos entre as mães, existente nos dias de prova, é muito importante para a vivência desse momento. Elas buscam reafirmar entre si seu papel maternal e sua identidade de mãe.

**Palavras-chave:** Maternidade. Vestibular. Emoções. Experiências.

## Abstract

*This qualitative study aimed to investigate feelings, perceptions and expectations of mothers concerning the admission process of their children in an undergraduate course. Five mothers who accompanied their children during the days of trial at a public university in a country town of Rio Grande do Sul participated in the study. We used qualitative research methods. Mothers were interviewed when their children were performing the tests by means of a semistructured interview, being asked about how they felt and what were their perceptions and expectations on this occasion. Content analysis indicated that mothers intensely participate in days of trial and that anxiety and nervousness are the most displayed feelings when waiting. We emphasized the intense concern of mothers regarding their role during trial days. We conclude that the feelings exchange between mothers in the days of trial is very important when going through this moment. They seek to reaffirm their maternal roles and identities among themselves.*

**Keywords:** Motherhood. Student Admission Criteria. Emotions. Experiences.

<sup>[a]</sup> Mestranda em Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS - Brasil, e-mail: daniellessouto@hotmail.com

<sup>[b]</sup> Doutoranda em Distúrbios da Comunicação Humana na Universidade Federal de Santa Maria, docente do Centro Universitário Franciscano (Unifra), Santa Maria, RS - Brasil, e-mail: cristinask@terra.com.br

Recebido: 08/04/2012  
Received: 04/08/2012

Aprovado: 15/11/2012  
Approved: 11/15/2012

## Introdução

Atualmente, apesar da inserção da mulher no mercado de trabalho, a mãe brasileira demonstra-se bastante envolvida em diversos momentos da vida dos filhos<sup>1</sup>. Um momento importante da vida destes é o processo de seleção do curso de graduação, no qual a mãe se encontra cada vez mais presente, tanto na cena da prova como durante o percurso do jovem para o ingresso na universidade. Esse é um período que pode levá-la a refletir sobre suas escolhas e também sobre as mudanças que irão acontecer durante essa etapa na vida do filho.

O papel social da mãe vem sendo construído desde muitos séculos, afetando e influenciando a postura e as escolhas das mulheres, que passaram por diversas transformações de vida na sociedade, chegando ao que hoje é conhecido como modelo moderno de maternidade (Badinter, 1985; Faria, 2009; Grant, 2001; Moura & Araújo, 2004; Rocha-Coutinho, 1994; Scavone, 2001; Tourinho, 2006). A mulher contemporânea tem liberdade de escolha entre ter ou não um filho, bem como para eleger como conduzir a maternagem. Essas mulheres modernas cuidam dos filhos e sustentam o lar, tendendo a buscar as melhores condições para que estes venham a se tornar pessoas saudáveis (Faria, 2005; Grant, 2001; Moura & Araújo, 2004; Scavone, 2001; Tourinho, 2006).

Considerando o envolvimento da mãe na rotina do filho, deve-se atentar à maneira como as experiências deste podem influenciar nas vivências de sua mãe. Nesse contexto, um dos dilemas enfrentados pelos jovens é a escolha profissional, que pode acarretar a saída do filho de casa e da convivência mais íntima do casal de pais. Nesse caso, pai e mãe devem se reacostumar a viver apenas um com o outro, cuidar da própria saúde e procurar novas formas de socialização (Waldemar & Falceto, 2001).

Na adolescência, também ocorre uma separação gradativa entre o jovem e seus pais, devido ao processo de construção da identidade e à busca por autonomia pela qual o adolescente deve passar. Ainda assim, pesquisas indicam que a família continua a ser a principal influência do adolescente no momento da escolha da profissão (Teixeira &

Hashimoto, 2005; Hutz & Bardagi, 2006; Almeida & Pinto, 2008). Considerando-se tais aspectos, pretendeu-se, por meio deste estudo, investigar os sentimentos, as percepções e as expectativas de mães durante os dias de prova de seleção para o curso de graduação de seus filhos adolescentes.

A cidade onde o estudo foi realizado é universitária, onde grande quantidade de jovens participa do processo de seleção para cursos de graduação. Considerando tal aspecto, é necessário compreender as experiências das mães desses jovens, a fim de atender as suas necessidades emocionais, proporcionando a elas espaços de escuta. Ainda, compreende-se que o período de espera durante a realização da prova do vestibular é um momento de trocas importantes entre as mães. Então, esse período presta-se para tal investigação.

Além disso, a busca por materiais que embasassem teoricamente o presente estudo evidenciou a escassez de material sobre a relação da mãe com os filhos adolescentes, e também sobre como a mãe se sente nos dias de prova desse processo de seleção do filho. Sendo assim, torna-se importante voltar a atenção para esses aspectos e aprofundá-los, contribuindo para que futuramente haja maior número de pesquisas nesta área.

## Método

Participaram desta pesquisa cinco mães que se enquadraram nos critérios de seleção de participantes, a saber, ter filhos com idade entre dezesseis e dezoito anos prestando vestibular, não importando se prestavam o primeiro vestibular ou não, e estar acompanhando seus filhos adolescentes nos dias de prova de seleção para curso de graduação de uma universidade pública. Foram entrevistadas nove mães, mas quatro destas não se enquadraram no critério de escolha dos participantes. A escolha pela faixa etária dos filhos deveu-se ao objetivo da pesquisa de entrevistar mães de adolescentes. No local da coleta de dados havia outras mães, que não aceitaram participar da pesquisa, poucos pais e alguns familiares.

A faixa etária das mães variou entre 35 e 55 anos. Para o presente estudo, foram utilizados nomes fictícios. Roberta era casada, professora e possuía doutorado; Lúcia era casada, professora e possuía curso de especialização pós ensino superior

<sup>1</sup> Pode-se entender o substantivo “filhos” tanto para o gênero masculino quanto feminino.

completo; Maria era solteira, advogada e possuía mestrado; Renata era divorciada, professora e possuía ensino superior completo; Julia era casada, não possuía emprego fixo e tinha o ensino médio completo. Todas as mães tinham entre dois e três filhos, sendo uma delas mãe de gêmeas.

A escolha pelas mães participantes foi aleatória, mas todas eram mães de meninas adolescentes que prestavam vestibular para o curso de Medicina. Essa situação pode justificar-se pela escolha das pesquisadoras pelo local de coleta de dados, possivelmente próximo ao prédio onde os candidatos concorriam às vagas para o curso de medicina.

Esta pesquisa foi de cunho qualitativo, pois buscou uma compreensão particular daquilo que estudou, não se preocupando com generalizações, princípios e leis. O foco de sua atenção foi centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão dos fenômenos estudados (Martins & Bicudo, 1994). A abordagem qualitativa no estudo da subjetividade volta-se para a elucidação e o conhecimento dos complexos processos que a constituem (Rey, 2002). O estudo foi de caráter exploratório, pois objetivou proporcionar uma visão geral acerca do tema. Segundo Gil (2006), os estudos exploratórios são realizados especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado, sobre o qual se torna difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Após o projeto ter sido aprovado pelo Comitê de Ética, a pesquisadora deslocou-se ao campus de uma universidade pública durante os dias de prova de vestibular. Portanto, o primeiro contato com as mães foi feito no local de realização das provas. Esse contato teve por finalidade explicar os objetivos da pesquisa, garantir os direitos de sigilo e a opção em participar ou não do estudo. Aquelas que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após a assinatura, as mães responderam individualmente à entrevista semiestruturada intitulada "Entrevista sobre Mães de Vestibulandos: sentimentos, percepções e expectativas frente ao vestibular do filho". As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

As participantes desta pesquisa souberam, desde o primeiro contato, quais os objetivos do estudo, assim como qual a forma de coleta e análise de dados do material. Elas decidiram participar livremente do estudo, como também lhes foi assegurada a desistência, a qualquer momento,

do processo. O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética, sendo autorizado sob o protocolo nº. 303.2009.3. Ocorrendo a aceitação das mães em participar da pesquisa, foi entregue a elas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que garantiu o cuidado nas questões éticas envolvidas, como o anonimato dos participantes por meio da utilização de nomes fictícios, sendo respeitados os procedimentos éticos para pesquisas em Psicologia com seres humanos, contidos na Resolução nº 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia (CFP), e na Resolução nº 196/1996, do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

## Resultados

Os dados do presente estudo foram examinados por meio da Análise de Conteúdo Qualitativa. Para tanto, foram observadas as particularidades e semelhanças nos discursos das mães entrevistadas. A Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análise que investiga, pela descrição objetiva, sistemática e qualitativa, o conteúdo comunicado. Essa análise visa o conhecimento das variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, entre outras, por meio de um mecanismo de dedução, com base em indicadores reconstruídos a partir da amostra de mensagens particulares (Bardin, 2010).

A análise foi feita por meio de categorias definidas a partir do conteúdo das entrevistas realizadas. As categorias desenvolvidas através da análise foram: experiências e sentimentos frente ao vestibular, acompanhando as filhas nos dias de prova, luta coletiva: juntas somos mais fortes e expectativas frente a aprovação.

## Discussão

### Experiências e sentimentos frente ao vestibular

A experiência das mães frente ao processo do vestibular do filho diverge entre aquelas que já tiveram experiência anterior, com outro filho, e as que estão experienciando o processo pela primeira vez. As mães que estavam acompanhando as filhas pela primeira vez sentem-se mais ansiosas quando comparadas às demais, pois estas, ao lembrarem sua experiência com as outras filhas, sentem-se mais

seguras, certas de que são capazes de exercer a função materna nesse contexto.

Foram entrevistadas três mães cujas filhas estavam fazendo seu primeiro vestibular. Para Roberta ficou evidente a necessidade de conhecer como funcionava o processo antes mesmo das filhas concluírem o ensino médio:

Sim, é o primeiro vestibular delas. Mas assim, só para completar, ano passado a gente fez o “treineiro”, que foi muito bom, porque aquela coisa de você ir e ver aquele monte de gente entrando, fazendo vestibular. Esse sentimento nos ajudou muito a nos organizar, a ir mais cedo, a família se organizar. Então foi uma coisa que foi importante para nós, para a minha família, por já ter passado por esse tipo de experiência, já ter vivido esse momento de vestibular com elas.

Fazendo-se referência à palavra trazida por Roberta, Perissé (2008) expõe que, ao criarmos palavras novas para significados novos, ou significados novos para palavras já existentes, demonstramos ter compreendido a ductilidade da linguagem e a nossa capacidade de expressar ideias e percepções originais. Os neologismos produzidos são submetidos ao julgamento de ouvintes e leitores. São examinados, testados, acolhidos ou descartados, como se imagina ter acontecido com a palavra “treineiro”.

A palavra “treineiro” se refere à inscrição do candidato que ainda não concluiu o ensino médio em exames vestibulares e participa do processo seletivo sem concorrer a uma vaga. Com o intuito de apenas significar fazer uma experiência, essa palavra reforça a importância dos vestibulares como forma de preparação para a seleção na qual a pessoa realmente irá concorrer a uma vaga. E ainda, no caso do estudo, também complementa a experiência das mães. A finalidade do vestibular, já assumida pelo “treineiro”, não é estimular o aprendizado e, como decorrência, o ingresso no ensino superior. O objetivo principal é treinar (ser treinado, ser adestrado) para disputar e vencer, em uma situação em que são muito poucas as oportunidades. Todo ou quase todo o esforço do estudante para conquistar a vaga do ensino gratuito está direcionado a resolver questões cuja principal função é impedir a passagem daqueles que não foram treinados (Perissé, 2008). Pode ser observado que, para Roberta, o vestibular antecipado serve para amenizar a ansiedade, na tentativa de ampliar as chances de ingresso das

filhas no ensino superior. Saber como funciona o processo também parece ter-lhe respondido algumas dúvidas sobre como é e o que é preciso ser feito nesses dias para ajudar as vestibulandas.

Quando Lúcia foi questionada nesse aspecto, falou sobre o medo do fracasso da filha, porém, em seguida, destacou que sua filha é nova e, se falhar, terá outras oportunidades:

Como é a primeira vez que ela está fazendo, eu não tenho assim, uma expectativa muito grande que ela passe, está fazendo mais como experiência, pra que ela veja como é. [...] deixar claro pra ela que se ela fracassar no vestibular, não é ela que é uma fracassada, que tem outras chances, que a concorrência é muito grande. [...] Senão der também a gente vai partir vai continuar lutando por esse sonho dela. Sonho dela e os sonhos dos pais, o que os filhos sonham os pais sonham junto, os filhos não sonham sozinhos.

Pode-se inferir, nesse caso, que Lúcia sente medo de fracassar na sua função de mãe, que seria representado pelo fracasso da filha no vestibular. Ao mesmo tempo, Lúcia destaca a pouca idade da filha e diz não ter expectativas de que ela seja aprovada. Sobre isso, Oliveira (2000) diz que algumas mães podem não desejar que os filhos alcancem a maturidade, pois como consequência haverá a independência e o distanciamento em relação a elas. Pode-se cogitar também que esses fatores aconteçam em decorrência do processo de individuação que ocorre na adolescência e fica ainda mais evidente na saída dos filhos de casa, que é geralmente ocasionada pela sua aprovação no vestibular.

Maria e Julia, que têm filhas que já fizeram vestibulares, mostraram-se menos ansiosas e fizeram questão de falar sobre as outras filhas e sobre o processo de vestibular delas. Ambas disseram que fizeram o mesmo tipo de acompanhamento das filhas nos dias de prova. Para Maria, também ficou clara a necessidade de conhecer antes o processo de vestibular. Para tanto, a filha realizou o concurso no segundo ano do ensino médio, mas tal vivência não pareceu servir como motivo de alívio da ansiedade da mãe, e sim como um treino indispensável às filhas:

[...] Da mesma forma como estou acompanhando a A., fui com ela nas universidades, fizemos um roteiro já programado desde o início do terceiro ano, fomos

verificando quais universidades possuíam vestibular de inverno... Até no segundo ano do ensino médio ela começou a prestar, como “treineiro”. E aí depois eu acompanhei em todos os vestibulares.

Para Julia foi importante destacar o quanto orientou as filhas, esclarecendo que a mais velha teve sucesso na graduação, o que ela espera que aconteça com a mais nova:

Não, já teve a M. que tem 22 agora. Bom ela já fez e já está se formando. [...] as minhas filhas graças a Deus elas têm o pé no chão, então é isso. Acho que a gente passou isso para elas desde pequenininhas e elas estão indo bem.

Está implícita a percepção da sua contribuição para o bom desempenho das filhas. Parece estar presente na fala de todas as mães a necessidade de demonstrar que fizeram o máximo esforço para que as filhas se sentissem confortáveis e confiantes nos dias do vestibular, entretanto, mesmo assim, medo e ansiedade surgem de diferentes formas, como o medo do fracasso, a tentativa de aliviar a ansiedade por meio do denominado “treineiro” e também a busca por não fazer distinção entre o processo de diferentes filhos. Evidencia-se na fala das mães a crescente busca pela aprovação no desempenho de seu papel de mãe, que está sendo colocado à prova quando existe alguma barreira a ser ultrapassada na vida dos filhos:

A gente fica nervosa, naquela ânsia, mas a gente sempre tem que incentivar, incentivar para que a gente também não deixe transparecer o nervosismo [...]” (Renata).

Olha, o meu papel de mãe é incentivá-las, verificar com elas o que elas estão precisando, o que elas gostariam. [...] Eu fico em torno, não tem problema, tem que seguir, para que elas possam passar, fiquem tranquilas, claro que eu fico muito ansiosa [...] (Roberta).

É interessante observar a necessidade das mães em transmitir tranquilidade às filhas. Dentre as atribuições desse papel está a contenção da expressão de seus próprios sentimentos, que são semelhantes aos das filhas. Ao buscarem alternativas para tranquilizar as filhas, elas estão, de certa forma, aliviando a sua ansiedade, que não é sentida somente nos

dias do vestibular, mas também durante o processo de preparação. Pode-se dizer que o desempenho das mães nos dias de prova vai ser um reflexo de como foi vivenciado o percurso até o vestibular das filhas.

### Acompanhando as filhas nos dias de prova

Sobre o acompanhamento nos dias de prova, cabe destacar que tal função é prioritariamente exercida por mães, o que pode ser observado durante a coleta dos dados desta pesquisa. Sobre isso, Wagner, Carpenedo, Melo e Silveira (2005) expõem que os adolescentes, quando comparam o relacionamento com seus pais, afirmam ser comumente mais próximos de sua mãe, revelando mais suas vivências íntimas para ela, além de falarem sobre uma variedade de assuntos mais que com o pai. Sendo assim, os adolescentes relatam preferir suas mães para conselhos e orientação e acreditam que elas são mais receptivas, iniciando conversas e aceitando suas opiniões.

Ainda sobre o acompanhamento nos dias de prova, quatro das mães entrevistadas expuseram motivos para estarem esperando as filhas, como dar apoio e segurança:

Porque eu acho que é importante chegar aqui com ela, para poder dar esse apoio, ela queria muito que o pai dela viesse também, mas não pode vir porque estava difícil no trabalho dele para sair, e acho que a família é imprescindível nessa hora, porque eles se sentem mais seguros. (Lúcia).

Ah, pela questão da segurança. Ela tem apenas 17 anos, para ficar aqui sozinha, nós moramos razoavelmente longe daqui. Aí eu fico mais tranquila, participando, até mesmo fazendo parte para que ela se sinta segura, não se preocupar com detalhes [...]. (Maria).

Considerando o sentimento de insegurança das mães, é possível pensar que elas, enquanto aguardam as filhas que prestam vestibular, revivem a primeira experiência de afastamento mãe-bebê, vivenciada na primeira infância das filhas. Segundo Bowlby (1993), o apego tem a função de sobrevivência para a criança, já que busca promover e manter uma proximidade segura com o cuidador principal. O ser humano está geneticamente programado a

responder com medo a determinadas situações potencialmente perigosas, com o intuito de proteção. Sendo o apego um processo que acontece na criança em relação ao seu cuidador, pode-se inferir que, no momento do vestibular, ocorre com as mães um processo semelhante.

A respeito disso, Mahler (1982) expõe que a mãe passa por um processo de separação semelhante ao da criança, estando na idade adulta, por meio da maternidade a mulher vivencia um terceiro processo de separação-individuação. Sendo o primeiro a separação de sua mãe, na primeira infância, e o segundo a separação de seus pais, na adolescência. Assim, através da maternidade, ela tem a oportunidade de assumir o papel que até então tinha sido dos seus progenitores, o que lhe traz significativas mudanças intrapsíquicas.

Para Hock, McBride e Gnezda (1989), citados por Lopes, Alfaya, Machado e Piccinini (2005), a ansiedade de separação materna refere-se a um estado emocional desagradável nas mães, que é evidenciado pela manifestação de preocupação, tristeza ou culpa, a partir de três dimensões, a saber: o sentimento de aflição da mãe ao se separar de seu bebê; a percepção que ela tem sobre a aflição do bebê como resultado da separação; e a ideia que ela faz sobre a capacidade do outro para cuidar de seu bebê. A ansiedade de separação materna pode ser considerada uma manifestação típica do período de transição para a maternidade.

Pode-se destacar, nas falas de todas as entrevistadas, que o mesmo sentimento que leva as mães a acompanhar os filhos nos primeiros dias de aula das séries iniciais está presente nos dias de prova de vestibular. Portanto, pode-se inferir que o acompanhamento das mães nos dias de vestibular dos filhos se dá mais em benefício próprio que em benefício das filhas, pensando-se no quão difícil é para a mãe separar-se da filha que desde o nascimento busca nela algum apoio. Logo, ao acompanharem os filhos nos dias de concurso, as mães revivem a ansiedade da separação, pela reprodução da cena do primeiro dia de escolinha, quando ocorre uma das primeiras separações entre mãe e bebê. Assim como a mãe que leva o filho até a porta da sala de aula para certificar-se de que ele necessita do seu auxílio, ela o leva para fazer as provas do concurso e fica novamente na expectativa de que ele precise de seu apoio maternal. A reprodução da cena também implica compartilhar desse sentimento com outras mães presentes no local de provas.

É observado em Roberta este mesmo sentimento de insegurança, mas ela acrescenta dizendo que estava ali para sentir-se segura e para compartilhar do ambiente e das energias positivas com outros pais, pois para ela era importante que as filhas soubessem que estava ali esperando para acolhê-las na saída da prova:

Acho que é essa energia, de ficar aqui pensando nelas, vendo que elas estão bem e sabem que eu estou aqui do lado. Não sei se para elas vai ser bom ou não, mas para mim é, saber que eu estou aqui torcendo para elas que estão lá neste momento fazendo a prova. É uma maneira de eu me sentir mais segura, é o ambiente, são as pessoas, eu vejo um pai, outro pai, isso já me passa coisas positivas, eu acho que é como se fosse uma corrente, entendeu? De energia boa, por isso eu optei por ficar aqui.

Pode-se entender que, para Roberta, a forma encontrada para sanar sua insegurança, além de estar junto das filhas naquele momento, seria compartilhar seus sentimentos com outros pais no local, na tentativa de aliviar a tensão sentida em relação ao vestibular. Ela busca conforto em experiências semelhantes à sua, algo que a faça sentir-se menos ansiosa, para que ela não transmita às filhas esse sentimento. Esse encontro com os pais também acontece nas séries iniciais, e pode-se inferir que ambos têm como mecanismo comum a busca pelo alívio nas determinadas situações.

#### **Luta coletiva: juntas somos mais fortes**

Os sentimentos expostos pelas mães nos dias de prova de vestibular são semelhantes e parecem estar vinculados a uma luta coletiva pela aprovação:

A gente fica ansioso junto com eles, como eles estão ansiosos, a gente também fica na expectativa. [...] Se não der também, a gente vai partir, vai continuar lutando por esse sonho dela. Sonho dela e os sonhos dos pais, o que os filhos sonham os pais sonham junto, os filhos não sonham sozinhos. (Lúcia).

Eu me sinto apreensiva, mas confiante né, porque ela se preparou para estar aqui [...] eu não estou nervosa, mas tem mãe que se escabela porque o filho não passa, e passa aquilo para o filho. [...] mas a gente tem que

ter confiança no filho, mas não é só ela, olha quanta gente, são seis mil, sei lá quantos candidatos para uma miséria de vagas, então é complicado. É desgastante, estressante para o aluno, para todo mundo [...]. Então, eu estou me sentindo como a maioria das mães né, eu estou tranquila, quer dizer, a maioria nem está tranquila, e esperando o resultado, seja lá o que for a gente está lá. (Julia).

Eu me sinto... Na realidade é uma expectativa muito grande [...]. Essa ansiedade, um desespero assim, é a continuação delas da vida, é uma angústia estar lá junto e torcendo para que elas sejam positivas e tendo clareza daquilo que vão fazer. É uma ansiedade muito grande, às vezes dá vontade da gente chorar, porque é uma mudança para elas e para mim e para o meu marido também. Vão começar a voar, ainda mais que vão começar a estudar fora de casa, o sentimento está meio difícil, provavelmente não vão voltar, então isso mexe muito com a gente. (Roberta).

Quando questionada sobre o motivo que a levou a acompanhar as filhas nos dias de vestibular, Roberta diz ser uma maneira de “se sentir mais segura”, de fornecer apoio às filhas, mesmo sem saber se “para elas vai ser bom ou não”, formando com os outros pais e mães uma espécie de “corrente de energia boa”. Essa fala reforça o sentimento de luta coletiva entre os pais e filhos.

Ao falar das filhas e do processo de vestibular, as mães fazem referência ao coletivo: todas usam as palavras “a gente” em seu discurso. A respeito da luta coletiva, Oliveira (2000) diz que esta pode ocorrer devido à intensa vinculação entre mãe e filho, o que resulta na não percepção das mães quanto aos seus próprios sentimentos e sua implicação no processo de avaliação das filhas. Pode-se pensar em uma luta coletiva, que vai além da família e é dividida por todas as mães, que se unem pelo mesmo sentimento de identificação intensa que se cria entre elas. É uma luta que realmente motiva a reflexão sobre seus papéis e sentimentos, e ainda sobre o que envolve participar com os filhos da disputa por uma vaga no vestibular.

Ainda de acordo com a mesma autora, destaca-se que é de extrema importância para o desenvolvimento do processo da escolha profissional que as mães também sejam escutadas durante o processo de vestibular do filho, para que elas tenham um espaço para aliviar suas ansiedades e também

encontrar saídas para seus próprios conflitos. Gonçalves (1997) relata, em estudo realizado com pais de vestibulandos, que, quando os genitores passam pela experiência de grupo, é proporcionado maior crescimento individual, redução de ansiedades e de conflitos, por conta da possibilidade de refletir coletivamente sobre um momento vivido por todos eles.

### Expectativas frente à aprovação

As expectativas das mães foram todas referentes à aprovação das filhas e pode-se dizer que cada uma delas tem seus motivos pessoais. Renata demonstrou a expectativa de que a filha fizesse uma boa prova naquele dia, desejando não só a sua aprovação, mas principalmente que ela soubesse que fez o melhor que pôde para conquistar uma vaga: “Nesse momento, eu espero que ela faça uma boa prova como a de ontem, e eu tenho certeza que ela vai fazer. Tenho certeza disso”.

Julia demonstrou expectativa de que a filha passasse no vestibular, mas deixou claro que não queria que fosse no local onde estava realizando a prova, pois isso a levaria a sair de casa:

Que ela passe, nem quero que ela passe aqui. [...] Claro que eu quero que ela passe, mas ao mesmo tempo eu tenho medo que ela passe e queira vir morar aqui sabe. E tenha que vir morar aqui, eu prefiro que ela passe na faculdade mais próxima de casa, é isso.

Roberta viu a aprovação das filhas como um presente, que pareceu estar ligado diretamente à sua aprovação enquanto mãe. Ela expos que sua maior contribuição às filhas enquanto mãe foi o estudo proporcionou a elas; portanto, a reprovação no vestibular poderia ser sentida como uma reprovação do seu papel de mãe:

Minha expectativa é que elas passem no vestibular, isso vai ser o meu presente, sei lá, para a vida inteira. [...] E fazer o curso delas, se dedicarem, elas são dedicadas, jovens, então o negócio é isso, a minha expectativa é essa.

Maria relatou que sua expectativa quanto ao vestibular da filha é o sucesso, decorrente da aprovação. Ressaltou também que desejava o sucesso de

todos, o que se refere, mais uma vez, à luta coletiva: “Tranquilidade, sucesso para a minha filha [...]. O sucesso de todos, para que a gente consiga alcançar o objetivo, que é ela passar. Então a minha expectativa é o sucesso”.

Todas as mães desejavam a aprovação das filhas como se fosse sua própria, para que possam se sentir seguras diante da forma como as educaram e como lidaram com esse processo, essa etapa de vida. Ao depositarem suas expectativas nas filhas, elas podem reviver as suas próprias experiências profissionais e o seu processo de escolha. De acordo com estudo realizado por Oliveira (2000), pode-se pensar que as mães, ao participarem do processo de escolha do curso de graduação dos filhos, podem vir a refletir sobre o delas, revivendo tanto os aspectos positivos dessa etapa quanto os negativos. Podem-se criar expectativas de que o filho realize aquilo que ela não pôde realizar, ou não realizou como gostaria.

Soares (2002) destaca que a busca de realização das expectativas familiares em detrimento dos interesses pessoais influencia na decisão e na fabricação dos diferentes papéis profissionais, bem como pelos modelos que apresenta. Silva (1996) diz também que a escolha profissional do jovem reativa as escolhas dos pais, acarretando, assim, antigos conflitos que muitas vezes não foram superados. Ademais, esse momento também pode ser encarado pelos pais como uma possibilidade de reparação das próprias escolhas. Isso sugere que o jovem seja o depositário de fantasias inconscientes da família e, dessa maneira, caberia a ele realizar aquilo que a família não realizou, ou mesmo dar continuidade a tarefas já desenvolvidas por eles.

Rossi (1999) ainda afirma que a psicodinâmica do processo de escolha é aplicável a partir da elaboração de conflitos e lutos por objetos de identificação que foram deixados para trás pelo sujeito, ao conseguir identificar-se com seus próprios gostos e interesses, enxergando claramente o mundo exterior. O reflexo da escolha profissional está diretamente ligado ao trabalho, portanto, quem escolhe não está somente escolhendo uma carreira, mas está pensando em um sentido para a sua vida, está escolhendo “um como”, delimitando “um porquê”, “um quem” e “um quando e onde”, sendo sempre resultante de uma interação do mundo interno com o externo.

## Considerações Finais

Os resultados do presente estudo indicaram que o processo de seleção do curso de graduação do filho provoca nas mães sentimentos intensos, tais como o medo do fracasso, a ansiedade frente à situação desconhecida, os pensamentos sobre mudanças e afastamentos decorrentes da possível aprovação e as reflexões sobre o exercício de seu papel de mãe e suas escolhas profissionais, bem como sobre sua adolescência.

Pode-se concluir que o concurso de vestibular significa, para as mães, crescimento, amadurecimento e, principalmente, mudanças, não somente na vida do vestibulando, mas também na família e na sua própria vida. Além disso, o processo é visto como um difícil obstáculo a ser transposto, e não o superar provocaria um atraso no crescimento pessoal e intelectual dos filhos. Logo, a mãe que está presente nos dias de prova vê-se implicada, junto aos filhos, no enfrentamento dessa barreira.

A experiência das mães durante o processo de vestibular difere entre mães que já vivenciaram o processo de seleção com outros filhos e as que estão experienciando-o pela primeira vez. Mães que já passaram pelo processo mostram-se mais calmas e seguras no desempenho de seu papel; já as que estão passando pela primeira experiência ficam mais apreensivas. Durante o processo de preparação para o vestibular, também se evidenciaram mecanismos que dão suporte ao alívio da ansiedade, como o “treineiro” e a não distinção do processo de preparo de diferentes filhos.

É importante destacar que o acompanhamento nos dias de prova é desempenhado quase exclusivamente pelas mães, visto que no momento da coleta de dados foi possível observar que a maioria dos acompanhantes eram mães. Nesse sentido, pode-se fazer a associação entre a espera durante a prova de vestibular e os primeiros dias de escolinha do filho. As mães vivenciam a ansiedade de separação em relação ao filho, o que as faz buscar a troca de sentimentos entre mães que vivenciam a mesma experiência nesses dias de prova, tentando solapar a angústia semelhante que as invadiu quando levaram o filho nos primeiros dias das séries iniciais.

Um movimento que se destacou nesse encontro de mães foi a luta coletiva. Por meio dela, foi possível perceber o quanto é importante as mães se sentirem ativas e participantes durante os dias

do concurso de vestibular, mas que, sobretudo, essa presença vem da necessidade de apoio e convivência com os outros pais. Nesse período de espera, é criado um espaço de trocas, revelações e confissões.

As expectativas das mães relacionaram-se à aprovação do filho no concurso e, por consequência, a sua própria no exercício da maternidade. Ao mesmo tempo em que depositam suas expectativas nos filhos, poderão vir à tona as suas próprias experiências profissionais, remetendo-as ao seu processo pessoal de escolha. Nos casos das mães entrevistadas, a aprovação levaria as filhas a mudar de casa, modificando a estrutura familiar. Esses fatores são motivo de sofrimento para as mães, que refletem sobre como será sua vida sem as filhas por perto.

Aqui cabe destacar que foram entrevistadas as mães que se dispuseram a participar da pesquisa por conveniência, e isto pode explicar o empenho e a disponibilidade para responder as perguntas. Todas as mães entrevistadas tinham filhas prestando vestibular para o curso de Medicina, o mais concorrido da instituição. Além disso, todas as mães entrevistadas tinham filhas mulheres prestando vestibular, então se deve atentar para as peculiaridades da relação mãe-filha. Sugere-se que pesquisas futuras investiguem sentimentos e expectativas de mães de meninos para que se possa analisar as particularidades de tal relação, bem como de vestibulandos de outros cursos.

A partir da análise destes aspectos, é possível concluir que as mães lutam ao lado dos filhos tanto pelo crescimento deles como pelo seu próprio. Ao auxiliarem os filhos, buscam apoio para seus medos e expectativas sobre o futuro que virá com a aprovação, assim como procuram respostas para sentimentos que vêm à tona ao vivenciarem tal experiência. Escolhas, pensamentos, críticas e desejos, realizados ou não, passam a ser lembrados com mais frequência quando se passa por situação semelhante. Por isso, é importante que exista um espaço de escuta nesses locais de prova de vestibular. As mães desejam falar e se pronunciar diante dessa significativa etapa da vida do filho, que para elas constitui crescimento pessoal. Participando do processo, criam uma rede e compartilham sua angústia e ansiedade, fortalecendo a luta coletiva por um objetivo em comum, que é sua própria aprovação no papel de mãe, que desempenham com tanto vigor.

## Referências

- Almeida, M. E. G. G., & Pinto, L. V. (2008). Adolescência, família e escolhas: Implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica, 20*(2), 173-84.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Traduzido por W. Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bowlby, J. (1993). Separação. (L. H. B. Hegenberg, O. S. Mota & M. Hegenberg, Trad.). In Bowlby, J. (Org.). *Trilogia Apego e Perda*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Faria, J. T. (2009). *A maternidade: A construção de um novo papel na vida da mulher*. Recuperado em 21 set. 2009, de <http://br.monografias.com/trabalhos3/maternidade-construcao-papel-vida-mulher/maternidade-construcao-papel-vida-mulher.shtml>
- Gil, A. C. (2006). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas.
- Gonçalves, G. Z. (1997). Os filhos, os pais e a escolha profissional. *Anais do III Congresso de Orientação Profissional/Vocacional*. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas.
- Grant, W. H. (2001). A maternidade, o trabalho e a mulher. In Colóquio do LEPSI IP/FE-USP, São Paulo. *Anais eletrônicos*. Recuperado em 21 set. 2009, de [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000032001000300008&lng=pt&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032001000300008&lng=pt&nrm=abn)
- Hutz, C. S., & Bardagi, M. P. (2006). Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: A influência dos estilos parentais. *Psico-USF, 11* (1), 65-73.
- Lopes, R. C. S., Alfaya, C., Machado, C. A., & Piccinini, C. A. (2005). "No início eu saía com o coração partido...": As primeiras situações de separação mãe-bebê. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 15* (3), 26-35.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individualização*. (H. S. Mascarenhas, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Martins, J., & Bicudo, M. A. V. (1994). *A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos*. 2. ed. São Paulo: Moraes.
- Moura, S. M. S. R., & Araújo, M. F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24 (1), 45-55.
- Oliveira, I. D. (2000). *De quem é o vestibular? A mãe frente à diferenciação do filho*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Perissé, G. (2008). Linguagem educacional: Cristovam Buarque e seus neologismos. *Notandum Libro*, 11(1), 47-58.
- Rey, F. L. G. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. (Silva, M. A. F, Trad.). São Paulo: Pioneira Thompson.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rossi, S. M. M. (1999). Escolha profissional: A questão do ser é estar na família. *Arquivos Ciência e Saúde Unopar*, 3(2), 179-85.
- Scavone, L. (2001). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface: Comunicação, Saúde e Educação*, 5(8), 47-60.
- Silva, L. B. C. (1996). *A escolha da profissão: uma abordagem psicossocial*. São Paulo: Unimarco.
- Soares, D. H. P. (2002). *A escolha profissional do jovem ao adulto*. São Paulo: Sumus.
- Teixeira, M. A. R., & Hashimoto, F. (2005). Família e escolha profissional: a questão espacial, temporal e o significado dos nomes. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, 18(182), 63-73.
- Tourinho, J. G. (2006). A mãe perfeita: idealização e realidade – Algumas reflexões sobre a maternidade. *Revista do Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar na rede*, 3(5), 1-33. Wagner, A., Carpenedo, C., Melo, L. P., & Silveira, P. G. Estratégias de comunicação familiar: A perspectiva dos filhos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 277-82.
- Waldemar, J. O. C. & Falceto, O. G. (2001). O ciclo vital da família. In: Eirizik, C. L. et al. *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed.